COFEM



Ficha de consejos prácticos 2:

Abordaje de la violencia de género facilitada por la tecnología contra mujeres de la política

Pontos principais

A violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV)



constitui um ataque sistêmico à democracia: A violência online contra mulheres na política não consiste em um conjunto de incidentes isolados, mas em uma tática coordenada e sistêmica de misoginia em rede e autoritarismo, destinada a silenciar mulheres, enfraquecer a afirmação da verdade e comprometer sua participação nos processos democráticos.

As ameaças digitais têm consequências no mundo real



Casos crescentes de violência baseada em gênero (VBG) no mundo físico têm, de forma alarmante e progressiva, sua origem em ataques, abusos e assédio ocorridos no ambiente online.

A ação coletiva e a prestação de contas sistêmica podem servir como ferramentas políticas



A resiliência individual e o autocuidado são extremamente importantes, mas mudanças sustentáveis exigem colaboração radical entre movimentos de direitos das mulheres, plataformas de tecnologia, Estados, mídia e organizações internacionais para assegurar a aplicação dos marcos de direitos humanos, garantir a prestação de contas e transferir o ônus da violência para longe de mulheres e meninas.

Uma resposta proativa e estratégica é inegociável



Uma resposta eficaz vai além do combate à desinformação, abrangendo a identificação precoce de sinais de alerta de informações falsas e desinformação, a distinção entre respostas pessoais e ações estratégicas, e a construção de coalizões de resposta rápida para verificar informações, documentar evidências e mobilizar contranarrativas coletivas e mensagens de solidariedade.



Feministas e atores internacionais pesquisaram e produziram um vasto conjunto de pesquisas e conhecimentos sobre as experiências de mulheres com a violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) na vida pública. Embora as experiências de mulheres na política apresentem pontos de interseção com as de outras mulheres que atuam na vida pública, a realidade das mulheres na política tem sido menos explorada sob a perspectiva dos movimentos sociais. Esta ficha técnica baseia-se nesse conjunto de conhecimentos, oferecendo reflexões fundamentadas em evidências, inspiradas pelos movimentos feministas, bem como estratégias práticas para fortalecer a ação coletiva no enfrentamento da violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia direcionada contra mulheres na política.

A publicação baseia-se nas experiências compartilhadas durante a sessão *Mudando Narrativas para Enfrentar a Discriminação Antigênero, realizada no âmbito do Knowledge as Resistance: Learning and Dialogue Labs*, da COFEM e da ONU Mulheres, como parte do projeto ACT to End Violence Against Women and Girls (ACT to EVAWG), bem como em evidências empíricas relacionadas à proteção da participação das mulheres na liderança, na tomada de decisões e nos processos democráticos.

O problema

A violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) frequentemente envolve redes de perpetradores que criam, compartilham e amplificam conteúdos abusivos de forma sistemática. Por meio de táticas como assédio coordenado, republicação em massa e amplificação algorítmica, essas campanhas podem se intensificar em questão de horas, atingindo de maneira desproporcional mulheres na política e restringindo sua capacidade de participar com segurança da vida pública e política.[2] A violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) refere-se a atos de violência cometidos, facilitados, agravados ou amplificados por meio das tecnologias da informação e comunicação (TICs) e de plataformas digitais.[3]

As mulheres são alvo dessa violência em razão das relações desiguais de poder e de normas de gênero profundamente enraizadas que perpetuam a discriminação, o controle e a violência. A violência online é, ao mesmo tempo, uma manifestação e um fator impulsionador da desigualdade de gênero, limitando a segurança, a autonomia, a participação e o acesso das mulheres a oportunidades em todas as esferas da vida. Mulheres que se encontram na interseção de múltiplas identidades marginalizadas enfrentam riscos ainda maiores de violência devido aos efeitos cumulativos da discriminação e da exclusão estrutural.

[1] Ver, por ejemplo, el estudio Tipping Point con directrices para monitorear la violencia en línea contra las periodistas.

[2] UN Women: Press Release. Seven in ten women human rights defenders, activists and journalists report online violence. December 09, 2025. Seven in ten women human rights defenders, activists and journalists report online violence | UN Women – Headquarters

[3] United Nations Population Fund. (2025, November 26). Technology-facilitated gender-based violence: A growing threat. https://www.unfpa.org/TFGBV

Evidências revelam a gravidade da violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV):

Restrição à participação democrática

Evidências qualitativas e regionais indicam que a violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) leva ao afastamento da vida política. Mulheres que são alvo dessa violência deixam de concorrer à reeleição, abandonam cargos públicos e têm sua visibilidade reduzida na política e na esfera pública.[4]

Custo humano

A violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) acarreta impactos significativos sobre a saúde mental e física de mulheres em posições de liderança pública, incluindo estresse crônico, ansiedade, depressão, distúrbios do sono e preocupações com a própria segurança, afetando tanto sua vida profissional quanto pessoal.[5]

Barreiras estruturais

A violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) vai além do assédio individual; ela cria barreiras estruturais à participação política das mulheres, aumentando os custos do exercício da liderança, desencorajando candidaturas, dificultando sua permanência na vida política e enfraquecendo uma democracia inclusiva.[7]

Evidências em diferentes contextos

Um estudo transversal realizado em países africanos — Adis Abeba, Nairóbi, Kampala, Dacar e Joanesburgo — demonstrou que a violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) afetou significativamente a segurança, o bem-estar e a participação política de mulheres na política.[6]

Prevalência

Cerca de 70% das mulheres na vida pública entrevistadas — incluindo mulheres na política, defensoras de direitos humanos, ativistas, jornalistas e profissionais da mídia — relataram ter sofrido violência online no exercício de seu trabalho, indicando que a violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) é um fenômeno disseminado, e não um conjunto de casos isolados. Dentro desse panorama mais amplo, mulheres na política enfrentam dinâmicas específicas, examinadas nesta ficha técnica.[8]

Violência assistida por inteligência artificial

Quase um quarto (24%) das mulheres entrevistadas relatou ter sofrido violência online assistida por inteligência artificial, evidenciando como as tecnologias emergentes estão ampliando tanto a escala quanto a sofisticação da violência baseada em gênero.[9]

Efeitos de transbordamento

A violência online raramente permanece restrita ao ambiente digital. No mesmo estudo, 41% das mulheres relataram ter sofrido ataques offline relacionados aos abusos vivenciados online, confirmando que as ameaças digitais têm consequências no mundo real.[10]

A natureza disseminada da violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) e sua capacidade de aprofundar desigualdades estruturais comprometem os avanços alcançados na promoção da igualdade de gênero, perpetuando a intimidação e a deslegitimação da representação das mulheres nos processos democráticos.

[4] Posetti, J., Williams, K., Hellmueller, L., Renaud, P., Shabbir, N., Aboulez, N. (2026). TIPPING POINT: Online Violence Impacts, Manifestations and Redress in the AI Age (UN Women: New York).

[5] Juanita and Herrera and Conor Lennon. Anxiety, Paranoia, Fear: The Consequences of Digital Violence Against Women. United Nations. March 12, 2025. 'Anxiety, paranoia, fear': The consequences of digital violence against women | UN News

[6] Neema Iyer, Bonnita Nayamwere and Sandra Nabulega. Alternate Realities, Alternate Internets. African Feminist Research for Feminist Internet. August 2020. https://www.apc.org/en/pubs/alternate-realities-alternate-internets-african-feminist-research-feminist-internet

[7] Chompunut Chalieobun. Thailand's evolving landscape for women's political leadership. WFD. May 12, 2026 https://www.wfd.org/commentary/thailands-evolving-landscape-womens-political-leadership

[8] Posetti, J., Hellmueller, L., Williams, K., Renaud, P., Aboulez, N., and Shabbir, N., UN Women (2025). The Chilling Escalation of Online Violence Against Women in the Public Sphere. New York. https://www.unwomen.org/en/node/608314

[9] Ibid

[10] Ibid

Por que isso importa?

Há diversos exemplos, em diferentes partes do mundo, de mulheres na política que desistiram de disputar eleições ou renunciaram a cargos públicos em decorrência de episódios de violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV). Essa realidade compromete a participação política das mulheres e enfraquece o engajamento democrático. Mais do que incidentes isolados, a violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) funciona como uma ferramenta estratégica para intimidar, desacreditar e silenciar mulheres que ocupam ou buscam ocupar cargos públicos. As formas de violência variam. No entanto, a violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) recorre sistematicamente a táticas baseadas em gênero para deslegitimar mulheres líderes, desencorajar sua participação política e reforçar barreiras estruturais à representação igualitária das mulheres.

Mulheres na política são alvo desproporcional de ataques que exploram estereótipos de gênero e normas sociais. Esses ataques incluem desinformação sobre sua vida pessoal, estado civil ou papéis familiares; abusos e assédio de natureza sexual; compartilhamento não consensual de imagens íntimas ou de conteúdo sexual gerado por inteligência artificial; e campanhas coordenadas no ambiente online que questionam sua integridade, competência ou legitimidade como líderes. Esses ataques frequentemente se intensificam durante períodos eleitorais e outros momentos politicamente relevantes, quando podem exercer maior influência sobre os resultados das eleições e a percepção pública. A gravidade desses ataques tende a ser maior em países que dispõem de mecanismos limitados de denúncia e de baixos níveis de conscientização sobre segurança digital. Enfrentar a violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV), portanto, não se resume à proteção dos direitos e da segurança individuais, mas também à salvaguarda da participação democrática, da inclusão política e da integridade dos processos eleitorais.

As consequências da violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) estão amplamente documentadas. Ela pode desencorajar mulheres a ingressarem na política, pressionar candidatas a desistirem de disputar eleições, levar mulheres eleitas a renunciarem a seus cargos, reduzir sua participação na vida pública e desencorajá-las a expressar opiniões políticas no ambiente online. Para além dos impactos sobre as mulheres individualmente, a violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) compromete os processos democráticos ao restringir a competição política, reduzir a diversidade de vozes na tomada de decisões públicas e enfraquecer a capacidade da população de escolher entre um conjunto verdadeiramente representativo de candidaturas. Quando mulheres são afastadas da política em razão de abusos direcionados no ambiente online, a qualidade e a inclusividade da governança democrática são reduzidas.

Experiências em diferentes países ilustram padrões recorrentes e demonstram como essas mesmas dinâmicas se repetem de forma consistente.

Imagens de natureza sexual são utilizadas para humilhar e expulsar mulheres da política: Nos Estados Unidos, a deputada Katie Hill renunciou ao seu cargo no Congresso em 2019 após imagens íntimas vazadas serem amplamente divulgadas online.[11] Nas eleições gerais da Irlanda de 2024, Gráinne Seoige foi alvo de imagens pornográficas geradas por inteligência artificial com o objetivo de desacreditar sua campanha.[12] De forma semelhante, em 2024, em Ruanda, Victoire Ingabire foi alvo de imagens sexualmente manipuladas publicadas no X (antigo Twitter), em uma aparente tentativa de humilhá-la e silenciar sua voz na esfera pública.[13]

Ataques direcionados ao estado civil e aos papéis familiares: Durante as eleições gerais de 2022 no Quênia, contas falsas coordenadas no Facebook disseminaram narrativas falsas sobre o estado civil, a vida familiar e a integridade de Helen Tullie Apigo.[14] Essa mesma tática também foi empregada nas eleições presidenciais de 2021 em Uganda, quando Nancy Kalembe foi alvo de ataques baseados em gênero que questionavam seu estado civil e sua capacidade para exercer a liderança.[15]

Estratégias de abuso para forçar o afastamento da vida política: No Canadá, Sandra Jansen desistiu de disputar a liderança de seu partido após sofrer uma campanha incessante de ataques online direcionados às suas posições feministas e ao seu apoio aos direitos reprodutivos.[16]

Todos esses atos destinados a deslegitimar mulheres na política têm como objetivo final afastá-las da vida pública.

[11] Sarah D. Wire. Katie Hill 'I am leaving because of a misogynistic culture that gleefully consumed my naked pictures'. Los Angeles Times. October 31, 2019. https://www.latimes.com/politics/story/2019-10-31/katie-hills-gives-her-final-floor-speech

[12] Harry Finnegan. Star's Hell "Biggest regret of my life", says ex-RTE star Grainne Seoige as she opens up on vile abuse during Dail run campaign. The Irish Sun. Updated November 23, 2024. https://www.thesun.ie/tv/16148535/grainne-seoige-vile-abuse-biggest-regret-general-election-decision/

[13] Association for Progressive Communication (APC). "Human rights in the digital context in Rwanda". Accessed July 08, 2026. https://www.apc.org/en/pubs/human-rights-digital-context-rwanda

[14] UN Women. Online harassment risks pushing Kenyan women out of politics. September 13, 2023. https://www.unwomen.org/en/news-stories/feature-story/2023/09/online-harassment-risks-pushing-kenyan-women-out-of-politics

[15] Collaboration on International ICT Policy for East and Southern Africa (CIPESA). Brief: Digital Threats to Women in Politics- during the Uganda 2021 election. 2021.

[16] Erika Tucker. Sandra Jasen withdraws from Alberta PC leadership race citing hostile takeover. Global News. Updated November 10, 2026

O impacto da violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) contra mulheres na política e aquelas que exercem funções públicas vai muito além das pessoas diretamente atingidas. A violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) compromete a integridade democrática e os direitos humanos fundamentais ao:

Comprometer a participação democrática e a integridade da democracia

Esses ataques buscam silenciar mulheres, restringir sua participação e dificultar seu envolvimento nos processos democráticos. Quando as mulheres enfrentam barreiras para participar da vida pública, a participação democrática inclusiva se reduz, enfraquecendo mecanismos essenciais de controle contra a corrupção e o autoritarismo.[17]

Intensificar normas misóginas e violações de direitos humanos

A violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) viola o direito internacional dos direitos humanos e fortalece práticas misóginas. Quando mulheres na política são alvo de ataques online, sua liberdade de expressão é restringida e o ciclo de ameaças e abusos é intensificado.[18]



Comprometer o exercício efetivo da liderança

Quando mulheres líderes são obrigadas a lidar com violência incessante, sua saúde mental é afetada e elas passam a suportar a carga emocional decorrente dos ataques online, o que pode reduzir sua disposição para questionar ações governamentais, leis e políticas públicas. Isso compromete sua capacidade de exercer uma liderança efetiva.[19]

Reforçar desigualdades estruturais

A violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) frequentemente instrumentaliza gênero, sexualidade e etnia para aprofundar desigualdades estruturais, políticas e relacionadas ao exercício da liderança.[20]

[17] International IDEA. Violence against women in the digital space: A growing threat to democracy. November 27, 2025. https://www.idea.int/blog/violence-against-women-digital-space-growing-threat-democracy

[18] United Nations General Assembly 79 Session. Secretary General Report. Intensification of efforts to eliminate all forms of violence against women and girls: technology-facilitated violence against women and girls. October 08, 2024. https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2024/10/intensification-of-efforts-to-eliminate-all-forms-of-violence-against-women-report-of-the-secretary-general-2024

[19] Ibid

[20] Ibid



Experiências e incidência política de mulheres na política

"Fui atacada como se ainda fosse esposa do meu ex-marido, quando, na verdade, sou sua ex-esposa. No entanto, as notícias continuam me identificando como esposa. Se você observar essa história, trata-se de desinformação, mas o que percebi é que isso é ainda mais sistemático do que eu imaginava, pois minha página na Wikipédia foi editada para incorporar essas narrativas."

Kunthida Rungruengkial, ex-parlamentar da Tailândia.

Na Cúpula do G20 realizada na África do Sul em 2025, ex-parlamentares e parlamentares em exercício, bem como mulheres líderes políticas, descreveram a violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) como uma pandemia — que atravessa fronteiras, se intensifica sem controle e compromete a participação e o avanço das mulheres na política. Elas defenderam intervenções mais urgentes e abrangentes, incluindo medidas regulatórias e marcos jurídicos robustos para dissuadir perpetradores. Parlamentares e senadoras concordaram que a violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) afeta negativamente sua participação na política e limita sua progressão na carreira política.

Durante a sessão Mudando Narrativas para Enfrentar a Discriminação Antigênero, realizada no âmbito do projeto ACT, as participantes compartilharam as estratégias que utilizaram para transformar, de forma estratégica, suas experiências pessoais com a violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) em impulso para a incidência política:

Autocuidado

O bem-estar emocional e físico é fundamental para uma luta de longo prazo e começa pelo reconhecimento da própria vulnerabilidade e pelo entendimento dos próprios limites.

Resposta sistemática

Nenhuma mulher na política deve assumir sozinha a responsabilidade de responder à violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV). Uma equipe ou rede de apoio dedicada pode estabelecer procedimentos claros para documentação, escalonamento das denúncias e desenvolvimento de contranarrativas.

Reapropriação da narrativa

Reconstruir a própria história e reconhecer a violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) como um ato político evidencia o caráter estruturado desses ataques, em vez de reforçar uma falsa narrativa de fracasso individual.

Essas estratégias não são apenas teóricas. Os destaques a seguir mostram como duas organizações as colocaram em prática: a Pollicy, ao mobilizar uma resposta rápida e coordenada durante um processo eleitoral; e a Solidarity Alliance of Women in Politics, ao construir redes de apoio que sustentam as mulheres antes, durante e após os ataques.

Destaques

Pollicy

Em 2022, a Pollicy, um coletivo feminista sediado em Uganda, formado por profissionais de tecnologia, cientistas de dados, pessoas da área criativa e acadêmicas, documentou como mulheres na política foram alvo, durante as eleições no Quênia, de campanhas coordenadas que instrumentalizavam rumores de natureza sexual e narrativas étnicas para descredibilizá-las.

"Utilizamos coordenação rápida e reapropriação da narrativa em parceria com verificadores de fatos, pesquisadoras de dados e organizações de direitos das mulheres para documentar rapidamente conteúdos abusivos, como capturas de tela, URLs e registros de data e hora, mapear padrões de comportamento coordenado, construir contranarrativas baseadas em fatos verificados e ampliar mensagens de solidariedade por meio de redes de confiança. Ao mesmo tempo, os resultados foram divulgados por veículos de comunicação, priorizando a remoção de hashtags e contas prejudiciais, bem como o reenquadramento das narrativas sobre as candidatas."
Danai Daisy, Pollicy

Solidarity Alliance of Women in Politics

Kunthida Rungruengkial é integrante da Solidarity Alliance of Women in Politics, um espaço político dedicado a fortalecer a participação das mulheres na política por meio da construção de uma rede de solidariedade entre mulheres na política em Bangkok, promovendo ações de apoio entre pares por meio de seu partido político, o Future Forward Party.

"A Progressive Movement Foundation, em Bangkok, lançou um programa emblemático para formar futuras mulheres na política. Ao final da primeira turma, o programa havia capacitado e orientado 50 mulheres na política. Dessas, dez concorreram nas últimas eleições gerais da Tailândia, e duas mulheres parlamentares foram eleitas como resultado da iniciativa."
Kunthida Rungruengkail

Princípios orientadores: colaboração radical e responsabilidade compartilhada

Três princípios fundamentam qualquer resposta eficaz à violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) contra mulheres que ocupam funções públicas ou de alta visibilidade:

1

Ninguém enfrenta essa violência sozinha.
A violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) não pode ser enfrentada por uma única pessoa; ela exige responsabilização coletiva e coordenada diante do que, em sua essência, constitui uma violação dos direitos humanos.

2

Antecipar, e não apenas reagir.
Os ataques seguem padrões, e esses padrões podem ser previstos. Ao se prepararem antes que os ataques ocorram, as mulheres podem definir suas próprias narrativas, estabelecer medidas robustas de segurança digital e distinguir suas respostas emocionais pessoais das respostas públicas e estratégicas, como demonstrado pela Pollicy durante as eleições gerais do Quênia em 2022.

3

Um ataque contra uma é um ataque contra todas.
Cada ataque dirigido a uma mulher na política compromete a credibilidade de todas as mulheres que atuam na vida pública. Por isso, a solidariedade deve ser rápida, transnacional e voltada à defesa mútua da legitimidade dessas mulheres, para que os danos causados no ambiente online jamais se tornem parte naturalizada da identidade pública de uma mulher.

Colocando os princípios em prática

Como cocriar um ambiente digital que proteja o direito das mulheres de participar da vida pública, exercer liderança e ocupar cargos públicos? A ação é necessária em três níveis:

Individual

Tenha clareza sobre o propósito que orienta seu trabalho: um forte senso de propósito sustenta a presença pública diante de ataques persistentes. Conheça seus próprios limites e incorpore o autocuidado e a recuperação ao seu planejamento de longo prazo, em vez de tratá-los como aspectos secundários.

Redes

Compartilhe informações estratégicas sobre ataques emergentes em redes de confiança, para que a resposta seja rápida e coletiva, e não solitária. Construa estruturas de solidariedade que apoiem e orientem futuras mulheres na política, institucionalizando esse apoio antes que ele seja necessário.

Estrutural

Mantenha coalizões permanentes de resposta rápida compostas de verificadores de fatos, pesquisadoras(es) e redes feministas de segurança digital, capazes de documentar abusos, mapear comportamentos coordenados e divulgar contranarrativas em tempo oportuno. Acima de tudo, transfira o custo da violência das mulheres atingidas para os responsáveis por ela: as plataformas devem ser responsabilizadas jurídica e financeiramente por falharem na prevenção desses danos, e as pessoas perpetradoras devem ser responsabilizadas pelos abusos que cometem.

Recomendações práticas

Profissionais e pesquisadoras(es)

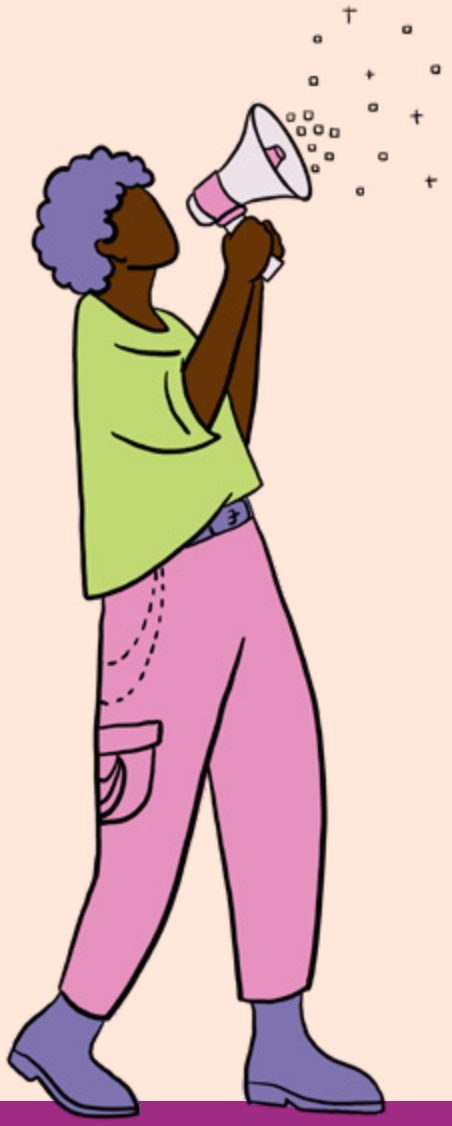
Colaborem e utilizem as evidências emergentes para construir uma resposta rápida e sistemática. Empreguem a pesquisa para mapear padrões coordenados de ataques e pressionem as plataformas a disponibilizarem acesso a grandes conjuntos de dados que permitam monitorar os abusos.

Financiadores

Apoiem a participação das mulheres na política e na vida pública e, por meio do fortalecimento de capacidades técnicas — como treinamentos e oficinas para o enfrentamento da violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV) —, financiem a criação e a manutenção de equipes de resposta rápida.

Formuladoras(es) de Políticas Públicas e Estados

Regulem o desenvolvimento e a distribuição de tecnologias de inteligência artificial concebidas para abusar ou atacar mulheres. Transfiram o custo da violência para os responsáveis por meio de regulamentações efetivas, e não apenas por pressão reputacional.



Recursos adicionais

1. Becker Castellaro, Sebastian, et al. Artificial Intelligence and Information Integrity: Latin American Experiences. Policy Paper No. 34. 2025. https://www.idea.int/publications/catalogue/artificial-intelligence-and-information-integrity-latin-american-experiences

2. Repository of UN Women's work on technology-facilitated violence against women and girls. (2025). https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2025/03/repository-of-un-womens-work-on-technology-facilitated-violence-against-women-and-girls

Agradecimentos

Este material foi escrito por Jennifer Chinoye Amadi e revisado por Leah Goldmann, Lauren Messina, Joy Watson e integrantes da equipe de Eliminação da Violência contra as Mulheres (EVAW) da ONU Mulheres. O projeto gráfico foi desenvolvido por Mara Ayuningtyas e Léa Drougard, e as ilustrações são de Sarah Imran. Agradecemos especialmente às organizações de direitos das mulheres que participaram da Série de Aprendizagem e Diálogo da COFEM, cujas contribuições fundamentaram esta publicação. Esta publicação foi produzida pela COFEM no âmbito do Programa ACT to End Violence Against Women and Girls (ACT para Eliminar a Violência contra as Mulheres e Meninas), da ONU Mulheres, financiado pela União Europeia. Seu conteúdo é de responsabilidade exclusiva da COFEM e não reflete necessariamente as opiniões da União Europeia ou da ONU Mulheres.

Citação sugerida

Coalition of Feminists for Social Change (COFEM). Introdução. Bytes de Resistência: Enfrentando a Violência Baseada em Gênero Facilitada pela Tecnologia (2026).